

Apagamento, estereótipos e preconceito: a representação da bissexualidade feminina na série televisiva *Glee*¹

Adriana Schryver KURTZ²

Fabiana Marsiglia THOMAS³

Escola Superior de Propaganda e Marketing de Porto Alegre – ESPM-Sul

Resumo

O presente artigo analisa a representação da bissexualidade feminina na série televisiva estadunidense *Glee*, por meio da personagem Brittany Pierce. Fenômeno mundial nas duas primeiras décadas do século XX, a série ficou conhecida por homenagear a diversidade com vários personagens LGBTQ, mas perdeu a oportunidade de representar a bissexualidade como uma orientação válida e legítima, abusando de estereótipos negativos e reforçando, involuntariamente, diversos estigmas que pairam sobre a mulher bissexual. Para chegar a essa conclusão, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, a partir de uma pesquisa exploratória, bibliográfica e documental.

Palavras-chave: representação da bissexualidade; apagamento bissexual; ficção seriada; *Glee*; estereótipos.

Introdução

O trágico acidente da atriz Naya Rivera, desaparecida em um lago em 8 de julho de 2020 e tendo sua morte confirmada cinco dias depois, em 13 de julho, lançou, novamente, uma luz sobre a série *Glee* e sua importância para a comunidade LGBTQ. Rivera interpretou Santana Lopez, personagem lésbica que, na época, ajudou diversas adolescentes homossexuais a aceitarem sua sexualidade. O relacionamento de Santana com Brittany Pierce, interpretada por Heather Morris, foi muito aclamado pelo público da série. Em uma entrevista ao site *After Ellen*, em 2010, Ryan Murphy, um dos criadores de *Glee*, inclusive admitiu que a relação das duas se desenvolveu, principalmente, a pedido dos fãs. (BENDIX, 2010).

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Adriana Kurtz é jornalista, Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS, professora da ESPM-POA, líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Teoria e Prática no Jornalismo” e Coordenadora do Núcleo de Estudos em Jornalismo do Curso de Jornalismo (NEJOR/ESPM-POA).

³ Fabiana Marsiglia Thomas é Bacharel em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela ESPM-POA.

Embora adorada pelos telespectadores, a representação de Brittany recebeu algumas avaliações não exatamente isentas de cobranças. Em uma matéria para o site do *Logo TV*, canal de televisão norte-americano com foco no público LGBTQ, o escritor Chris O’Guinn criticou a maneira como a sexualidade da personagem é retratada na série. Apesar de Brittany demonstrar interesse romântico e sexual por pessoas do gênero masculino e feminino, a palavra “bissexual” raramente é mencionada no programa (O’GUINN, 2011).

A sigla LGBTQ vem sendo cada vez mais tematizada na sociedade e, acima de tudo, na mídia. Casais lésbicos e *gays* fazem parte do cotidiano e aparecem em músicas, séries de televisão e telenovelas. A transexualidade ainda é considerada um tema tabu, mas começou a ser debatida. Mas e a bissexualidade? Apesar de sua representação na mídia estar aumentando, ainda é ínfima se comparada à da heterossexualidade e pequena diante de outras letras da sigla.

Em que pese os bissexuais serem maioria dentro da comunidade LGBTQ, segundo Deschamps e Singer (2017), pouco se ouve falar sobre essa orientação sexual na televisão, cinema e veículos impressos. Os autores contam que um dos primeiros personagens bissexuais em uma série de TV foi Jody Dalas, de *Soap*, que começa se identificando como *gay* até se apaixonar por uma mulher. Contudo, ele ainda é reconhecido pelo público como sendo homossexual, não bissexual. Na mesma linha de observação, Eisner (2013) faz notar que poucos personagens em séries televisivas são identificados como bissexuais, mesmo quando apresentam características relacionadas à bissexualidade. Como se não fosse o bastante, a maior parte destes personagens são representados de uma maneira estereotipada. É o caso de *Glee*.

Glee foi um dos principais fenômenos das séries norte-americanas nas primeiras duas décadas do século XXI. Criada e produzida por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Ian Brennan e distribuída pela *Fox*, foi ao ar em mais de 60 países. Exibida de maio de 2009 a março de 2015, a série musical retrata um grupo de estudantes que participa do coral da escola. Em suas seis temporadas, *Glee* ficou conhecida por apresentar temas arriscados e polêmicos como *bullying*, virgindade, gravidez na adolescência, conflitos raciais e questões ligadas à sexualidade, incluindo as chamadas minorias LGBTQ. Quando foi lançada, em 2009, o *GLAAD Annual Report*, relatório que analisa a representatividade

LGBTQ na televisão norte-americana, estimou que apenas 3% dos personagens recorrentes nas séries televisivas dos Estados Unidos se identificavam como *gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais ou travestis. Não havia nenhum personagem masculino considerado bissexual na TV, e apenas quatro femininos. Na época, *Glee* foi uma das cinco séries de comédia a apresentar um personagem principal LGBTQ, com Kurt Hummel (Chris Colfer), que se assume como homossexual logo na primeira temporada.

Este artigo vai defender a tese de que, apesar de ser um marco importante para a comunidade LGBTQ e para a história da representação da diversidade no âmbito da produção audiovisual estadunidense e global, a série, ao abordar a bissexualidade feminina a partir da personagem Brittany Pierce, falhou em contribuir para a correta tematização e o necessário enfrentamento do estigma e do preconceito que cercam a representação da bissexualidade nos produtos culturais. O trabalho, uma versão reduzida da pesquisa *A representação da bissexualidade feminina e masculina nas séries de TV norte-americanas Glee e Crazy Ex-Girlfriend*⁴, vai centrar sua análise nas oportunidades perdidas por *Glee* para inaugurar, em plena segunda década do século XXI, uma abordagem capaz de romper com os estereótipos e a invisibilidade surpreendentes que ainda cercam pessoas bissexuais.

O estudo adota uma vertente de pesquisa qualitativa, muito utilizada para questões difíceis de quantificar e a forma de pesquisa mais crítica e potencialmente emancipatória, conforme Bauer, Gaskell e Allum (2002). O tipo de pesquisa é a exploratória, que constitui investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema. Moura e Lopes (2016) referem que a pesquisa exploratória permite que o pesquisador encontre uma lacuna nos estudos sobre determinado assunto. A técnica de coleta de dados utilizada é a bibliográfica e documental, e a técnica de análise é a de conteúdo.

Sobre séries televisivas, bissexualidade e apagamento bissexual

⁴ Trabalho de Conclusão de Curso de Fabiana Marsiglia Thomas, orientado pela Prof.^a Dra. Adriana Schryver Kurtz e submetido à banca junto à Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-Sul, no curso de Jornalismo, em julho de 2020.

Quem nunca passou horas assistindo a vários episódios de uma série televisiva, torceu por algum casal fictício ou se identificou com um personagem? De acordo com Esquenazi (2011), as séries se tornaram o principal produto da televisão, fazendo parte do cotidiano da sociedade contemporânea. Elas são consideradas um fenômeno tanto social quanto midiático e são acompanhadas por pessoas de diferentes classes sociais e etárias, movimentando o público em função de *crushes* e *ships*⁵, inclusive (e cada vez mais) os homoafetivos.

“Somos aquilo que vemos e ouvimos”, escreve Kellner (2001, p. 424) em seu livro *Cultura da Mídia*. Segundo o autor, a mídia domina a vida cotidiana, pois as pessoas voltam sua atenção e suas atividades diárias às diferentes formas de cultura transmitidas pelos meios de comunicação, o que faz com que os programas veiculados pela mídia forneçam modelos e ideias que contribuem para a criação da identidade pessoal do público, transformando suas opiniões e comportamentos.

A televisão, de acordo com Kallas (2016, p.19), é o meio que “mais corresponde ao modo como vemos o mundo hoje”. Segundo a autora, as séries televisivas apresentam uma possibilidade maior de empatia e identificação em função da quantidade de personagens, fazendo com que as narrativas sejam mais próximas da vivência do público. Com um número significativo de fios narrativos, – nos bons roteiros, sobretudo – as séries apresentam mundos complexos e personagens reais, com os quais os sujeitos se identificam facilmente. “Uma coisa é certa: sempre que se pede a um fã para falar de uma série, nunca mais se cala e parece literalmente impregnado por um universo vivido como um planeta real”, dirá – ironicamente – Esquenazi (2011, p.140).

Uma das principais características das séries televisivas, observa ainda Esquenazi (2011, p. 138) é “o seu gosto pelo íntimo”, resultando em abordagens mais ousadas, relevantes e arriscadas, inclusive na representação de diferentes orientações sexuais. De acordo com o mesmo autor (2011, p.165), as séries estadunidenses são marcadas por “uma explosão de identidades sexuais”, constituindo um dos principais instrumentos de representação de minorias. Tal postura marca um momento de inflexão. De fato, por muito tempo, personagens que não se encaixavam no padrão binário e monossexista da

⁵ Os *crushes* são personagens pelos quais o público se apaixona e os *ships* (diminutivo para *relationships*) são casais pelos quais os fãs das séries torcem e gostam de ver juntos.

sociedade foram marginalizados e ridicularizados em filmes e programas de TV, sufocados por uma lógica segundo a qual só se pode ser uma coisa *ou* outra, homem *ou* mulher, heterossexual *ou* homossexual, o que, de acordo com Butler (2003), acarreta em uma heterossexualidade normativa e compulsória. Ainda assim, no cenário de efetivo aumento da representação de personagens LGBTQ na mídia, conforme Deschamps e Singer (2017), a letra “B” da sigla continuaria a ser esquecida e invisibilizada.

Sabemos que a identidade de gênero, que diz respeito a como uma pessoa se enxerga e “se mostra para o mundo”, é diferente da genitália, que diz respeito ao sexo biológico, e não define o desejo afetivo e sexual, que se refere às pessoas por quem ela se sente atraída, seja fisicamente, romanticamente ou emocionalmente (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p.69). À luz do conceito de orientação sexual, denominam-se bissexuais pessoas que possuem capacidade de sentir atração física, romântica ou emocional por mais de um gênero. Apesar do evidente interesse em estudar-se as diferentes formas de sexualidade, Angelides (2001) nota que a bissexualidade representa um ponto cego nas pesquisas sobre o sexo, sendo menos discutida se comparada a outras orientações sexuais; daí esses estudos excluírem as pessoas bissexuais ou as colocarem juntamente com os homossexuais.

Segundo Yoshino (2000), tal exclusão da bissexualidade não acontece pelo fato de a mesma não existir, mas sim por ser apagada. O costume de esquecer, ignorar, silenciar ou negar a existência de pessoas bissexuais em registros históricos, materiais acadêmicos e meios de comunicação, informação e entretenimento é chamado pelo autor de *apagamento bissexual*. E ele acontece de três principais maneiras: a negação total da existência da bissexualidade; a noção de que a bissexualidade é só uma fase; e, não menos importante ou problemática, a insistência em classificar as pessoas bissexuais como heterossexuais ou como homossexuais.

Em uma estrutura binária, a bissexualidade, de acordo com Garber (2000, p.156), “simplesmente não se encaixa”. Por causa de seu caráter ambivalente, ela é tida como a mais polêmica e controversa das orientações sexuais. Para a autora, grande parte das discriminações contra a bissexualidade, assim como as pressões para que bissexuais se encaixem em um dos lados do binário, vem do fato de que essa orientação sexual perturba as certezas tanto da heterossexualidade quanto da homossexualidade. Isso faz, segundo

Seffner (2003), com que pessoas que se identificam como bissexuais sejam esquecidas e/ou tornadas invisíveis em um universo no qual é proibido questionar a lógica binária.

Ressalta-se que o apagamento bissexual carrega consigo diversos estereótipos e preconceitos associados às pessoas bissexuais, significativos o bastante para contribuir para a chamada bifobia; ou seja, a hostilidade sofrida por bissexuais, um fenômeno presente na sociedade. Sob a ótica destes conceitos, o presente artigo analisará diversas cenas de *Glee*, identificando nas mesmas três padrões – problemáticos em sua essência - na maneira como a série retrata a bissexualidade, a saber: a incapacidade em admitir a bissexualidade como uma identidade válida; o reforço no estereótipo de promiscuidade dos bissexuais e, como uma espécie de decorrência inevitável e não menos importante, o estigma de que estas pessoas são muito mais propensas à traição do que os homo ou heterossexuais. Nossa hipótese de trabalho sugere que estes três padrões são os responsáveis pelo fracasso de *Glee* em ter superado uma representação estereotipada e conservadora acerca da bissexualidade, ainda que a série tenha tido o mérito em tematizar a questão em meio a um cenário de invisibilidade de personagens bissexuais.

Esquecendo a bissexualidade

Loira, alta e de olhos azuis, Brittany Pierce é líder de torcida e uma das integrantes do clube do coral da *William McKinley High School*. Ingênua, Brittany costuma ser afável com as pessoas e diz amar todo mundo, independentemente de quem sejam. Durante a série, ela se relaciona romântica e sexualmente com homens e mulheres, casando-se com Santana na última temporada. Em muitas das cenas de uma narrativa repleta de adolescentes, hormônios acelerados e dramas amorosos e sexuais, *Glee* perde a oportunidade de ser uma referência no tratamento do tema e falha em representar a bissexualidade como uma identidade válida.

Como já mencionado, a bissexualidade é frequentemente esquecida, ignorada ou não levada a sério. Em uma cena do episódio 18 da segunda temporada, Brittany refere a si mesma como “bi-curiosa”, reduzindo sua orientação sexual a somente uma curiosidade passageira. Segundo Eisner (2013), um dos principais estereótipos em relação à bissexualidade é que ela é vista como apenas uma fase. Denominando-se “bi-curiosa”,

Brittany contribui para o apagamento bissexual explicado por Yoshino (2000), negando a bissexualidade como uma identidade e a enxergando apenas como uma prática. Além disso, Brittany diz que “acha” que é “bi-curiosa”, o que colabora para mais um estereótipo apresentado por Eisner (2013): o de que bissexuais são pessoas confusas e indecisas.

O apagamento bissexual também pode ser visto em uma cena do episódio 20 da terceira temporada, na qual Santana diz que Brittany é *gay*, e Brittany responde que não é “totalmente *gay*”. O diálogo demonstra a estrutura binária existente na sociedade. Como Brittany se sente atraída por mulheres, muitos personagens automaticamente pensam que ela é homossexual, mostrando que a bissexualidade não se encaixa em um mundo monossexista. Um trecho do episódio 22 da terceira temporada apresenta a mesma problemática. Em um discurso de despedida do clube do coral, Kurt diz que não importa se os colegas são *gay* ou hétero, apenas que são amigos. Sua fala reforça, mais uma vez, o estereótipo mencionado por Eisner (2013) de que a bissexualidade não existe, já que a ótica monossexista faz com que ela seja proibida, negada e/ou apagada. As três cenas revisadas apresentam exemplos do apagamento bissexual que, segundo Yoshino (2000), pode ser fruto de um preconceito, o que causa a bifobia, ou apenas do esquecimento dessa possibilidade por pessoas que acreditam na sua existência, mas estão acostumadas com o sistema binário, por mais que entendam os problemas relacionados a ele.

Noutra cena exibida no nono episódio da quarta temporada, Brittany explica para Sam Evans (Chord Overstreet), seu novo interesse romântico, que não pode ficar com ele, pois “todas as lésbicas da nação”, segundo ela, haviam descoberto sobre o seu antigo relacionamento com Santana e passaram a torcer por elas. A personagem assim acredita que, caso namorasse Sam, as lésbicas iriam “ficar decepcionadas” e até “machucá-lo”. A cena apresenta uma garota bissexual se apaixonando por um homem, depois de ter tido um relacionamento com uma mulher, e tendo medo de ser julgada por uma comunidade que costumava apoiá-la. O caráter aparentemente anedótico da situação pode ser explicado por Seffner (2003), ao postular que, uma vez que a bissexualidade não pertence a uma comunidade específica, é vista como inferior.

Como lembra Seffner (2003), bissexuais não possuem uma identidade própria, porque não fazem completamente parte – mas também não desviam – de nenhum grupo. Eles somente são aceitos na comunidade heterossexual quando estão com alguém do sexo

oposto; e na comunidade homossexual, quando estão com alguém do mesmo sexo, conforme mostra a cena. Abandonando a comunidade lésbica, Brittany fica sem grupo e sem identidade, num limbo entre a heterossexualidade e a homossexualidade. A personagem, assim, experimenta uma situação comum para pessoas bissexuais: isolada da comunidade LGBTQ, ela tampouco faz parte do que Garber (2000) chama de “privilégio heterossexual”.

Nunca será demais repisar que não são apenas os heterossexuais que estimulam o apagamento bissexual; a comunidade LGBTQ, ironicamente, também contribui para o problema, o que fica visível na narrativa de *Glee*. Na primeira cena, a própria Brittany não consegue se identificar como bissexual, por mais que tenha deixado claro, ao longo da série, que se interessa por pessoas de ambos os gêneros. Na cena subsequente, Santana, personagem que se assume como lésbica por incentivo de Brittany, chama sua amiga e interesse amoroso de *gay*, esquecendo que Brittany também se sente atraída por homens. Na terceira cena, Kurt cai na famosa polaridade hetero/homossexual explicada por Butler (2003), durante um discurso que tinha o objetivo de ser inclusivo. Por fim, vemos o medo de Brittany de que a comunidade lésbica se volte contra ela, como se ela tivesse mudado sua orientação sexual apenas pelo fato de ter se apaixonado por um homem, e reforçando mais um estereótipo mencionado por Eisner (2013): de que pessoas bissexuais são, na verdade, hétero ou homo.

Resumidamente, os quatro momentos de *Glee* apresentados falham em mostrar a bissexualidade como uma identidade real e válida. Durante toda a série, Brittany demonstrou sentir interesse emocional e sexual por homens e mulheres, em que pese o termo “bissexual” raramente ter sido mencionado. De fato, e para tornar tudo pior, estas raras menções do termo são marcadas por um caráter pejorativo, como será visto a seguir.

Fluidez sexual e promiscuidade

Além da invisibilidade que cerca a representação da bissexualidade de Brittany, outro fator desvelado na análise das cenas da personagem lança mais um estigma sobre bissexuais: em diversos trechos, Brittany é representada como uma garota extremamente ativa sexualmente, quase beirando à promiscuidade, um estereótipo, como lembra Eisner

(2013), comumente associado à bissexualidade feminina (enquanto ao gênero masculino tal condição é não apenas tolerada como socialmente incentivada).

Em uma cena do episódio 17 da primeira temporada de *Glee*, Brittany conta aos colegas que já se relacionou sexualmente com “todos da escola”, tanto garotos quanto garotas e, inclusive, o zelador. Ela diz que não entende o motivo de ter ficado em quarto lugar no *ranking* de pessoas mais atrativas e sexuais do clube do coral e afirma que precisa fazer algo para entrar no *Top 3*. A cena exemplifica o fato mencionado por Garber (2000) de que bissexuais são vistos como pessoas que almejam ter tudo, sejam homens, mulheres, ou o zelador do colégio – algo inclusive impróprio, pois Brittany é menor de idade e supõe-se que o zelador seja mais velho. Além disso, Brittany costuma utilizar seu apelo sexual para conseguir o que deseja, como na cena em que ela prometeu ir para a escola sem camiseta caso ganhasse a eleição para presidente de classe.

Frequentemente, bissexuais são retratados como pessoas promíscuas. O episódio 18 da primeira temporada reforça, mais uma vez, o fato de Brittany já ter se relacionado com “todas as pessoas da escola”. Numa sequência, o personagem Kurt finge ser heterossexual em busca de aceitação por parte de seu pai. Assim, ele muda sua maneira de vestir e passa a ter atitudes consideradas “mais masculinas”. Ao supor que Kurt é heterossexual, Brittany se oferece para um *date*. Ela fala que Kurt é o único garoto da escola com quem ela não ficou, pois achava que ele era *gay*. “Mas agora que você não é, ter um recorde perfeito significaria muito para mim, então me avise se quiser me pegar”⁶.

Outra cena, veiculada no primeiro episódio da segunda temporada, apresenta algo parecido. Num trecho marcado por certa picardia, Brittany diz que sente vontade de tocar nos seios da treinadora do time de futebol da escola. Ou seja, a promiscuidade é mostrada de novo – e de uma maneira que pode ser vista como inapropriada, considerando não apenas a idade da menina (que todavia já teria ficado com um adulto, o zelador) mas a ousadia diante de uma profissional da instituição de ensino, hierarquicamente superior.

Ainda durante a segunda temporada, Brittany começa a se envolver romanticamente com Artie Abrams (Kevin McHale). No quarto episódio, Santana, com ciúmes da relação dos dois, tenta provar que Brittany estava apenas usando Artie: como

⁶ Frase da personagem Brittany. Tradução nossa.

o rapaz tem uma linda voz, a personagem bissexual teria transado com o garoto visando garantir um bom parceiro de dueto. Em sua ciumenta vendeta, Santana chama o primeiro garoto desconhecido que passa por ela e por Artie quando os dois estão no refeitório do colégio e pergunta se ele conhece Brittany. O garoto responde: “Sim, a gente transou”⁷. A representação remete à observação de Deschamps e Singer (2017) acerca do estereótipo mais associado às pessoas bissexuais: de que elas são fáceis; ou seja, que se relacionam sexualmente com qualquer pessoa, noção reforçada por esta entre outras cenas de *Glee*.

Para além da sugestão de certa promiscuidade, a bissexualidade - principalmente a feminina - é uma orientação sexual muito erotizada. *Glee* apresenta Brittany como uma pessoa muito sexual e sem nenhum critério, porque já se envolveu e se atrai por “todas as pessoas da escola”. Como destacou Eisner (2013) a hipersexualização sofrida por mulheres bissexuais pode estar relacionada ao fato de que homens, naturalmente, são vistos como pessoas mais sexualmente ativas, enquanto as mulheres seriam mais recatadas. Então, quando uma mulher é livre para se relacionar sexualmente com quem quiser, ela acaba sendo oprimida ou tendo uma imagem negativa.

Neste sentido, *Glee* pode ter uma dupla leitura, enquanto um produto cultural aberto a certa liberdade de interpretação do público. Por um lado, o fato de Brittany ser sexualmente ativa pode ser interpretado como uma celebração à liberdade sexual feminina, que foi parcialmente alcançada com os avanços do movimento feminista, ainda que tenha um longo caminho a percorrer. É importante ressaltar que a negação absoluta dos estereótipos pode acabar excluindo pessoas que se identificam com eles, criando uma imagem única de pessoas bissexuais (EISNER, 2013). No entanto, a representação estereotipada de Brittany também pode induzir o público a acreditar que todas as mulheres bissexuais são assim, criando uma erotização da mulher bissexual e, no limite, estimulando até mesmo a violência por parte de alguns homens que acreditam que elas devem estar disponíveis o tempo todo, sendo um objeto (heteros)sexualmente desejável.

A bissexualidade como sinônimo de traição

⁷ Tradução nossa.

As próximas cenas apresentam Brittany como uma pessoa infiel por conta da sua orientação sexual. A personagem é constantemente rejeitada, sujeita à dúvida e questionada por seus parceiros durante a série. De acordo com Garber (2000), é comum que tanto heterossexuais quanto homossexuais apresentem relutância em se envolver com uma pessoa bissexual em um contexto romântico. Isto acontece porque, para alguns, liberdade significa confusão. Vejamos como essa percepção é encenada na série.

Na metade da segunda temporada de *Glee*, Brittany e Artie estão namorando. Em uma cena do episódio 15, Brittany discute sua relação com Santana. A garota menciona o fato de as duas terem se beijado, e a amiga declara que não se trata de traição, pois elas são mulheres e o “encanamento é diferente” (sic)⁸. Brittany diz que isso a confunde, e Santana responde que até mesmo o café da manhã é confuso para ela. A cena apresenta dois estereótipos comumente associados às pessoas bissexuais e citados por Eisner (2013): o de infidelidade e o de confusão. Brittany namora um homem, mas o trai com uma mulher. A fala de Santana também invalida a bissexualidade, como se a única relação válida fosse a de Brittany com um homem e a dela com uma mulher não importasse.

No final do mesmo episódio, Santana se declara romanticamente para Brittany. No início, Brittany não entende, apresentando – mais uma vez – uma imagem de confusão. Ao compreender o que ela quer dizer, Brittany diz que ama tanto Santana quanto Artie, apresentando a ideia – rapidamente estereotipada – de que bissexuais, necessariamente, gostam de homens e mulheres ao mesmo tempo. Contudo, ela se recusa a ficar com Santana enquanto namora Artie, o que demonstra uma fidelidade que não esteve presente em outras cenas. Irritada com a rejeição, Santana diz que ser fluida deixou Brittany “presa”, criticando, na verdade, a bissexualidade da mulher por quem está apaixonada, mas sem utilizar o termo para referir-se a ela, o que contribui, mais uma vez, para o apagamento bissexual.

A partir do episódio 19 da segunda temporada, é possível perceber que a ideia de Brittany de se manter fiel a Artie não funciona por muito tempo. Artie desconfia que a garota está ficando com Santana, por causa dos indícios de infidelidade já apresentados por ela. Novamente, Brittany reduz a bissexualidade a apenas uma prática, dizendo que ficar com outra garota não é traição. A personagem é estereotipada como alguém que

⁸ Tradução nossa.

deseja ter o melhor dos dois mundos, não demonstrando capacidade de se comprometer com ninguém.

Durante um período de *Glee*, Brittany e Santana enfim namoram. Por conta da distância (uma vez que as duas acabam morando em cidades diferentes), elas resolvem terminar. Num trecho do segundo episódio da quinta temporada, após o término do namoro, Santana conhece Dani (Demi Lovato), uma mulher lésbica. Numa conversa do casal, Santana revela que tinha uma namorada bissexual, com um perceptível tom de julgamento em sua voz. Dani, então, diz que Santana merece uma deusa “100% Safo”, numa referência à poetisa grega da Ilha de Lesbos, considerada a primeira poetisa lésbica. A cena não deixa de demonstrar o preconceito com pessoas bissexuais dentro da própria comunidade LGBTQ. De acordo com Yoshino (2000), este preconceito acontece porque as sexualidades monossexuais desejam estabilizar a orientação sexual, mantendo a sociedade em um sistema binário. Na sequência da encenação, Santana diz a uma amiga que nunca esteve com uma “lésbica de verdade”, apenas com bissexuais ou universitárias curiosas. A fala deslegitima a bissexualidade (inclusive das “curiosas”), como se mulheres bissexuais não gostassem tanto assim de outras mulheres. Além disso, reduz a orientação a uma curiosidade ou experimento, como se fosse apenas uma fase. Esse justamente é o único momento em que o termo “bissexual” é utilizado na série e, como o diálogo evidencia, sua menção está comprometida com um *touch* pejorativo.

Ainda no mesmo episódio, Santana conta aos amigos que está muito feliz, pois finalmente tem uma namorada com a qual ela não precisa ficar preocupada que “vai ir atrás de um pênis” (sic)⁹. Aqui, é possível ver que Santana enxerga Brittany como uma pessoa infiel, por mais que ela nunca a tenha traído durante a série. Além disso, ela apresenta a ideia falocêntrica comentada por Eisner (2013) de que mulheres bissexuais preferem homens, pois o pênis é visto como poderoso. A situação também sugere a possibilidade de rejeição ou de sanções morais de bissexuais ao procurar suporte em comunidades LGBTQ.

Os cinco diferentes momentos resgatados da narrativa de *Glee* apresentam Brittany como uma pessoa infiel e indecisa, conceitos atrelados à ideia de promiscuidade que, segundo Yoshino (2000), são estereótipos com os quais as pessoas bissexuais

⁹ Tradução nossa.

continuam a se defrontar – e com os quais devem lutar. Tenderemos a dizer que, em relação a este desafio, a série acaba por deixar uma mensagem dúbia. Existem várias outras cenas durante as seis temporadas de *Glee* que mostram Brittany como uma personagem erotizada que não consegue controlar seus impulsos sexuais, além de ser vista como “traidora” por diversos personagens, mesmo quando não trai. Como bem notou Yoshino (2000), a bissexualidade é especialmente desprezada em um contexto romântico, e estas cenas demonstram isso: tanto personagens heterossexuais quanto personagens homossexuais relutam em se envolver emocionalmente com Brittany. No entanto, ela supostamente já ficou com “todo mundo da escola”, o que mostra que a relutância em se envolver com a garota “bi” é somente num sentido romântico e não sexual; como se Brittany, enfim, servisse apenas para transar e não para namorar. Não por acaso, toda vez que ela está em um relacionamento sério, provoca a desconfiança de seu parceiro ou parceira, quanto à possibilidade de traição.

Considerações finais

Eisner (2013) sustenta que, apesar de algumas letras da sigla LGBTQ possuírem uma certa visibilidade na mídia norte-americana, o “B” não é uma delas. Segundo a autora, mesmo quando personagens apresentam características ligadas à bissexualidade, poucas vezes se identificam como bissexuais. E, quando se identificam, sua representação é repleta de estereótipos. *Glee* poderia ter mudado este cenário e avançado em termos de representação da bissexualidade, dado o seu (certamente louvável) pioneirismo em ter tematizado o assunto. Mas não soube lidar com o desafio, perdendo sua oportunidade ao cair na polaridade hetero/homossexual, o que acabou negligenciando a orientação sexual da personagem Brittany.

Glee ficou conhecida por debater assuntos considerados polêmicos pela sociedade e por apresentar um refúgio à comunidade LGBTQ na mídia, no qual diversos gêneros e orientações sexuais se viram representados e aceitos. Contudo, Brittany é a única personagem considerada bissexual do elenco fixo, mas sua sexualidade foi negativamente estereotipada e/ou marcada pela invisibilidade. A série, ao tentar abordar a bissexualidade feminina, falhou em contribuir para uma tematização liberta do estigma e do preconceito que cerca a representação da mesma nos produtos culturais. Apesar das boas intenções,

Glee foi vítima dos próprios preconceitos que poderia combater ou minimizar, perdendo a chance de estimular um debate sobre o apagamento bissexual e a bifobia, abusando de estereótipos e, inclusive, contribuindo para a erotização da bissexualidade feminina. A série nem ao menos teve a coragem de verbalizar a orientação sexual de Brittany, incorrendo na mesma incapacidade da mídia *mainstream*¹⁰ em reconhecer a existência da bissexualidade e retratá-la como uma identidade válida.

Concordamos com Yoshino (2000) quando ele, certamente com sua justa dose de militância, postula que a única maneira de acabar com a bifobia e com o apagamento bissexual é reconhecendo essas questões como problemas reais e dando a devida importância ao movimento bissexual. Assim, este artigo também comunga com o propósito de conferir visibilidade a um tema frequentemente silenciado. Sabemos o quanto as identidades que não têm espaço na mídia tendem a ser, majoritariamente, ignoradas ou tratadas com preconceito, o que aumenta a potência e a responsabilidade dos produtos culturais em promover o debate sobre os temas *tabus*. Como o crítico cultural norte-americano Douglas Kellner (2001) afirmou – talvez com algum otimismo –, a mídia deve ser um ambiente livre de preconceitos que promova a liberdade e a democracia.

Entendemos ser importante questionar a lógica binária da sexualidade em busca de um mundo mais justo e menos desigual. De fato, dúvidas sobre a bissexualidade como uma identidade válida são constantes num cenário de hegemonia – e opressão – da lógica heteronormativa. Afinal, qual seria a causa da enorme dificuldade em abandonar alguns preconceitos e aceitar que a bissexualidade possa ser mais do que “apenas uma fase” e que as pessoas que se identificam com esta orientação sexual não sejam, necessariamente, confusas, indecisas ou promíscuas? Talvez o único consenso seja que a presença de personagens bissexuais em séries televisivas, como *Glee*, é crucial para promover debates sobre o assunto. E que venham outros personagens, quem sabe mais livres dos estereótipos e das sanções morais.

Referências bibliográficas

¹⁰ Mídia convencional.

ANGELIDES, Steven. **A History of Bisexuality**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.

BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BENDIX, Trish. Ryan Murphy tells us that Naya Rivera and Heather Morris will kiss in “Glee” episode filming this week. **AfterEllen**. Chicago, 1º de Agosto de 2010. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110707094756/http://www.afterellen.com/TV/2010/8/naya-rivera-and-heather-morris-to-kiss-in-glee-episode-filming-this-week>. Acesso em: 5 mai. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

DESCHAMPS, David; SINGER, Bennett. **LGBTQ Stats: lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer people by the numbers**. Nova York: The New Press, 2017.

EISNER, Shiri. **Bi: Notes for a Bisexual Revolution**. Berkeley: Seal Press, 2013.

ESQUENAZI, Jean-Pierre. **As Séries Televisivas**. 1. ed. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2011.

GARBER, Marjorie. **Bisexuality and the eroticism of everyday life**. Nova York: Editora Routledge, 2000.

GLAAD ANNUAL REPORT. **Where Are We on TV**. Los Angeles: Gay & Lesbian Alliance Against Defamation, 2009. Disponível em: <https://www.glaad.org/publications/tvreport09>. Acesso em: 4 dez. 2018.

KALLAS, Christina. **Na sala de roteiristas: conversando com os autores de *Friends*, *Família Soprano*, *Mad Men*, *Game of Thrones* e outras séries que mudaram a TV**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2016.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

LINS, Beatriz; MACHADO, Bernardo; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1 ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

MOURA, Cláudia Peixoto de (org.); LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS, 2016.

O’GUINN, Chris. Snails & Oysters: The Bisexual Perspective on... “Buffy” and “Glee”. **Logo TV**. Nova York, 16 de março de 2011. Disponível em: <http://www.newnownext.com/snails-oysters-the-bisexual-perspective-on-buffy-and-glee/03/2011/>. Acesso em: 23 out. 2019.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

YOSHINO, Kenji. **The Epistemic Contract of Bisexual Erasure**. Califórnia: Stanford Law Review, 2000.